

## **Conversando sobre os conteúdos das mídias com jovens no rural: configurações de um espaço pré-político**

Ricardo Duarte Gomes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O espaço pré-político de um grupo social se caracteriza pela conversação das pessoas, por não se restringir aos argumentos racionais e não ter o objetivo de decidir por algo. Cada vez mais o pré-político vem se tornando um espaço atravessado pela circulação dos conteúdos midiáticos que condicionariam as opiniões afirmativas e os sentidos das pessoas. O objetivo deste artigo é apresentar a possibilidade de configuração de um espaço pré-político de conversações tendo em vista este cenário social. Utilizando o método do Grupo de Discussão, conversamos com grupos de jovens de contextos pobres no rural sobre os conteúdos midiáticos preferenciais. Ao longo das sessões identificamos nas conversas a recorrência de um tema social e tipos de figuras públicas. A configuração do pré-político do grupo juvenil estudado se constituiria por preocupações em torno da violência e do compromisso das pessoas de prominência na sociedade para com essa juventude.

86

---

**Palavras-Chave:** Grupo de Discussão. Pré-Político. Conteúdos Midiáticos. Rural contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Sociabilidade pela UFMG. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFV-MG.

**Abstract:** The pre-political daily life of a social group is characterized by conversation, without restrictions to rational arguments and without the need to decide for something. More and more the pre-political has become an everyday intertwined with the circulation of media content, which would condition the opinions, affirmations and senses of people. The purpose of this article is to present the possibility of configuring a daily pre-political conversations in view of this social context. Using the Discussion Group method, we talked to groups of young people from poor rural contexts about preferred media content. Throughout the sessions, we identified in the conversations the recurrence of a social theme and types of public figures. The pre-political configuration of the youth group studied would be constituted by concerns about violence and people's commitment to prominence in society towards these youth.

87

---

**Keywords:** Discussion Group. Pre-political. Media Contents. Rural Contemporary.

## Introdução

Em geral os indivíduos e grupos na sociedade se relacionam com os espaços de decisão participando de fóruns estruturados. Alguns autores sugerem uma integração e uma sobreposição de ambos espaços: o de decisão dos governos com o outro, mais aberto à conversação das pessoas. Importante neste espaço de conversação a identificação de alguma resposta das pessoas a partir de suas interpretações a respeito de assuntos que lhes afetam (HENDRIKS, 2006) ou saber o que o outro quer dizer com suas afirmativas (GOODIN, 2005). Neblo (2005) também distingue os espaços entre pré-político e político.

O complexo espaço de conversação das pessoas (o espaço pré-político) não se definiria apenas como um lugar para resolução de problemas, integrado e sobreposto ao espaço político das decisões. Seria também um lugar de pessoas desinteressadas pelo espaço político estruturado, mas que possuem suas opiniões, expectativas, necessidades, emoções e afirmativas sobre a vida, enquanto respostas em face daquilo que lhes chama a atenção no social<sup>2</sup>.

Interessa-nos neste espaço pré-político o aspecto em que pessoas conversam desconectadas do espaço político estruturado sem se restringir aos argumentos racionais e não tendo o objetivo de decidir por algo, por resolver algum problema. Diversos autores já sublinharam a importância das emoções neste processo do pré-político ao político (PAPERMAN, 1992; MANSBRIDGE, 1999; CHAMBERS, 2004).

Contudo, seria ingênuo não considerar os processos sociais que configuram o espaço pré-político de conversações de cada grupo social cada vez mais atravessados pela presença e influência dos conteúdos massivos e midiáticos. Alguns autores falam de uma “mídia espalhável” (JENKINS; FORD; GREEN, 2013), onde os conteúdos pulam de uma mídia para a outra na medida do uso social e suscitam comentários das pessoas antes e depois de sua exibição. Tais conteúdos possuem alto alcance e circulação, diferenciando-se de outros conteúdos e conquistando reconhecimento de variados públicos, assim condicionando falas, respostas, afirmações, percepções de si e do mundo nos espaços de conversação.

---

<sup>2</sup> Em geral podemos observar a palavra “política” usada como sinônimo de “políticas públicas” (TOMMASI, 2012). Contudo, o político se circunscreve a um processo identificável em qualquer ato cotidiano, de leituras individuais, de um grupo e comportamentos políticos, fazendo com que aspectos subjetivos se vinculem aos objetivos, constituindo práticas, falas e representações no social (ALMEIDA; SILVA; CORRÊA, 2012).

Escolhemos estudar o pré-político de um grupo de jovens de contextos pobres do rural de Minas Gerais, que indicaram como “preferenciais” alguns desses conteúdos nas mídias. Seguimos as pistas dos conteúdos do gosto desses jovens, capazes de julgar, raciocinar, apreciar e escolher o que lhe seria agradável aos sentidos e o que desperta a atenção em sua experiência com o chamado “popular midiático” (JANOTTI JUNIOR, 2015).

Diante dessa complexidade dos espaços pré-políticos, este artigo tem o objetivo de apresentar algumas reflexões e resultados a partir de estudos realizados junto a jovens no rural mineiro, na busca de identificar afirmativas e sentidos enquanto respostas dos indivíduos diante daquilo que lhes afetam no social rural. De que maneira esses conteúdos das mídias que estão ao alcance desses jovens estimulam a conversação e convocam algumas afirmativas em suas falas? E qual a relação do “popular midiático” com a configuração do espaço pré-político desses jovens? O que estas afirmativas têm a dizer sobre esses jovens?

Utilizamos o método do Grupo de Discussão (GD) presencial para identificarmos uma leitura desses conteúdos feita pelo grupo juvenil. Os dois estudos aconteceram em momentos distintos: o primeiro fez parte de nossa tese de doutoramento e o segundo de pesquisa financiada pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (PROBIC/FAPEMIG).

## **O rural na atualidade**

Os conflitos entre as tradições das localidades rurais e um “popular midiático” já foram objeto de estudo de autores clássicos – Canclini (1987) já se perguntava o que era o massivo neste universo das tradições populares; Williams (1989) apontava os conflitos da relação das tradições do campo e da modernidade urbana. Com a internet, a intensidade de circulação, recorrência e amplitude do alcance de certos conteúdos que se espalham pelas mídias massivas e *online* seriam aspectos que permitiram Janotti Junior (2014) falar sobre um “popular midiático”. Os estudos que envolvem comunicação e arte ou experiência estética (experiência com os conteúdos midiáticos) abordam o problema desta relação a partir da articulação dos indivíduos e grupos sociais com objetos de desejo em alta circulação nas mídias e no interior de processos de interação e recepção desses conteúdos. Não haveria uma separação entre a experiência estética com os conteúdos das mídias e a experiência de vida das pessoas (GUIMARÃES, 2016).

Isto significa dizer que a experiência de vida dos habitantes no rural sempre se constituiu entre o peso de algumas tradições e as experiências dos jovens no rural com um “popular midiático”, que condicionaria falas e comportamentos desses jovens e remeteria a formas diferentes de transitar no rural. O popular tradicional do meio rural e o “popular midiático” se atravessam de forma intensa na atualidade, acirrando um ambiente de conflitos culturais e simbólicos, na medida em que cada vez mais os jovens do rural valorizam, comentam e conversam sobre sua localidade e sobre as mídias. A articulação desses jovens com esses conteúdos nos conduz a uma rica experiência de interpretação de receptores ativos (e não uma recepção desatenta) na relação com o mundo.

Em especial no último decênio no Brasil, a presença e influência das mídias no rural se tornou mais intensa. As políticas de expansão da energia elétrica no meio rural brasileiro intensificaram observações acerca dos contrastes campo-cidade. Comparou-se as expansões básicas de energia no meio rural em pleno século XXI<sup>3</sup> com a proliferação sofisticada de cabos, fios, redes digitais e tecnologias da informação e da comunicação nas regiões metropolitanas do país. Se, por um lado, milhares de jovens nos contextos mais pobres do rural brasileiro ainda se acostumavam com a realidade da luz elétrica, com o aumento da capacidade de energia em suas casas, com o *desktop*, o *notebook* e o *smartphone*, por outro lado, crescia nas áreas metropolitanas a presença das múltiplas e sofisticadas tecnologias. Este contraste evidencia a desigualdade socioeconômica e os limites de acesso à informação e à comunicação via novas tecnologias envolvendo as juventudes; contudo torna visível também questões envolvendo apropriações simbólicas diferenciadas.

Em outra oportunidade esclarecemos que o rural, ao longo de décadas, constituiu-se na relação com o meio urbano que lhe serviu de referência (DUARTE, 2014; SILVA, 2014) e, assim, o rural sempre conviveu com atravessamentos culturais e simbólicos do ambiente urbano. O que vinha de fora do rural sempre foi tratado com desconfiança pela população rural, mas também servia para diminuir

---

<sup>3</sup> Durante alguns anos, alguns pequenos e médios agricultores familiares na zona da mata de Minas Gerais contaram com o apoio de programas institucionais (“Luz para Todos”, “Minha Casa Melhor”, “Minha Casa, Minha Vida Rural”) que ampliou a oferta de energia elétrica nas localidades rurais, melhorou a infraestrutura e o padrão de energia das casas para que, ao adquirir eletrodomésticos como televisão e computador, a população rural pudesse manter ligado todos esses novos equipamentos. Foram mais de 2 milhões de domicílios rurais beneficiados (C.f.: [www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br) e informativos do Programa no <http://luzparatodos.mme.gov.br>).

o isolamento no campo (sobretudo as informações pelo rádio e pela televisão).

Ser jovem do contexto mais pobre do rural seria, em geral, habitar um cotidiano marcado pelo trabalho na propriedade familiar, pelo estudo na escola rural ou na sede municipal, pelo trabalho doméstico familiar, pelos lazeres associados às visitas nas casas de parentes, por frequentar espaços religiosos e divertir-se com amigos. Em meio as suas atividades, os jovens estariam envolvidos por ações justificadas por certos valores associados as tradições locais. Tais tradições começam a ser relativizadas na medida em que a conversação dos jovens estaria condicionada pelos estímulos dos conteúdos que se espalham pelas mídias. Não estariam mais na televisão e no rádio os conteúdos preferenciais, mas igualmente nas mídias *online*.

A prática de espalhamento de conteúdos preferenciais pelas mídias fomenta esta cultura do “popular midiático” nas localidades, compartilhada tanto por jovens rurais quanto urbanos. Para o jovem no rural, o que se escolhe como preferencial nas mídias estaria relacionado com os conteúdos não-rurais (aqueles não estritamente vinculados ao agrícola e ao agropecuário), que estimulam a ampliação de percepções de si e do mundo rural na direção de um universo simbólico mais híbrido.

O rural marcado por estas tensões ao longo dos anos produziu modos híbridos de se habitar no ambiente. Seria uma forma de vida “rurbana” que vem se constituindo desde o surgimento das cidades no início do século XX. Podemos visualizar alguns aspectos desta hibridação naqueles minúsculos e inúmeros distritos espalhados pelo país; em áreas com pequena urbanização que possuem mais os ares do rural do que urbano. Também na troca de costumes, como a substituição do cavalo pela motocicleta; o uso do tênis, da camisa do clube de futebol espanhol, do boné de marca norte-americana e do cabelo cortado na moda em substituição da botina, da camisa social, do chapéu de palha e do cabelo sem corte. Tais aspectos socioculturais e simbólicos nos afastam da figura tradicional do jovem rural na direção de um jovem conectado a um sentido mais cosmopolita, influenciando suas afirmativas e sentidos.

### **Considerações sobre o método do Grupo de Discussão**

O método do Grupo de Discussão (GD) presencial tentou estimular um ambiente de conversações, ao trazer um lugar de fala do grupo na prática conjunta de participação no debate. O método permitiu que mediador e participantes em interação convocassem esse lugar da fala do grupo. A conversa no GD seria a extensão de seus espaços cotidianos de conversação, onde cada jovem motivado socialmente tem algo a dizer. Assim, o método organizou a leitura dos conteúdos das mídias, os traços dos pequenos engajamentos, indignações e incisivas, sinalizando para práticas cotidianas comuns.

As formas de interação via computador trouxeram outras possibilidades de conversação, de compartilhar o “estar junto” *online* e aproximar pessoas fisicamente distantes. Todavia, Grupos de Discussão *online* diminuem a riqueza dos encontros face a face, como também impedem um olhar mais atento para a sofisticação do desenvolvimento do método. Além disto, o grupo de jovens pesquisados tinha algumas limitações tecnológicas para a participação em fóruns virtuais, como um sinal regular de internet. A opção pelo GD presencial também foi pela questão da viabilidade do estudo. Em algumas regiões rurais, os jovens estão mais dispersos em propriedades muitas vezes distantes umas das outras, o que dificultaria a aplicação de entrevistas e questionários individuais. Poucos são os pontos físicos de encontro (capela, escola, associação). Entrevistar o grupo, portanto, se apresentou como uma opção interessante para nossos estudos.

92

### **Diferença do Grupo de Discussão presencial em relação a outros métodos**

Observando a literatura sobre pesquisa qualitativa, o Grupo de Discussão situa-se como método de coleta de dados a partir de grupos que fazem uso da palavra falada. Neste sentido, temos também os Grupos Focais, que seriam a versão mais moderna do que chamavam de “entrevista de grupo” e “discussões em grupo”. (FLICK, 2009)

Em geral, enquanto métodos, o GD e o Grupo Focal têm o mesmo objetivo de coletar dados em grupo, produzindo uma situação de interação mais alinhada com a vida cotidiana dos participantes, sem muita diferença entre “entrevista de grupo” e “discussões em grupo”, assemelhando-se também na forma de coleta.

Uma condição prática de aplicação destes métodos é a presença do pesquisador junto dos participantes, ampliando a situação da entrevista individual

para o nível grupal. Busca-se “a voz do grupo” a partir das falas individuais e das sinalizações (verbais e não-verbais) que reposicionam cada participante. Pautam-se tópicos específicos onde os participantes tendem a controlar e contrabalancear uns aos outros, ajustando as incisivas e os radicalismos (FLICK, 2009). Cada participante responde aos pontos em pauta, compartilhando sua opinião, confrontando sua visão de mundo com o outro participante. A interação do pesquisador-mediador e participantes seria uma das características mais intrínsecas do GD.

Esses métodos constituem-se em conversas capazes de estimular a participação. O calor inevitável do debate contrasta com a maneira mais “fria” de uma entrevista individual ou virtual. Os ricos dados observados emergem dos assuntos focalizados, da liberdade dada aos participantes e do aprofundamento de questões, verificado nas divergências no próprio grupo.

O GD tem a função inicial de estimular o debate com perguntas provisórias e não pré-determinadas, pois não tem o objetivo de resolver problemas como no Grupo Focal, mas sim levantar questões, percepções e sentimentos ao redor dos assuntos.

Não sendo um método para resolver problemas, o GD formataria informações significativas e sentidos do grupo para fazer fluir novos debates e, assim, delineando o entendimento crítico dos participantes com relação aos assuntos. Como um “círculo” de conversações, as sessões proporcionam aos sujeitos e ao grupo o entendimento coletivo de suas necessidades. Explicamos: “A conversação diária interpessoal é uma condição necessária para que as pessoas deem sentido à grande quantidade de informação com que lidam diariamente” (MAIA, 2008, p??).

Também se pode observar que o GD permite identificar jovens predispostos à participação, potenciais sujeitos à consciência sobre cidadania e engajamento cívico, por conta das manifestações espontâneas, expressões livres sobre assuntos do interesse, permitindo apresentar as experiências pessoais, coletivas, não sendo uma troca racional de falas, mas uma espécie de levantamento de argumentos, emoções, testemunhos e histórias diversas. O GD, portanto, seria um método mais adequado para observação da complexidade do espaço pré-político. Esta afinidade se deve à tradição do método com a dimensão social.

Meinerz (2011, p.489) explica que o Grupo de Discussão tem sua dimensão social associada à tradição da sociologia espanhola, sendo uma prática de pesquisa qualitativa do social que “favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais ocultos ou latentes”<sup>4</sup>. Weller (2006) reforça uma distinção básica: o método do Grupo Focal estaria mais inclinado a esses grupos voltados para pesquisas de opinião, *marketing*, empresarial e institucional; enquanto que o GD estaria mais próximo dos debates críticos que envolvem as práticas cotidianas, culturais e sociais em uma comunidade ou coletividade – transcendendo os limites da pesquisa de consumo e mercado, passando a ser pensado também para as análises dos discursos políticos, da participação social e educação.

Assim, quando trabalhamos com o GD presencial estamos no território de uma “fábrica artesanal”, no sentido de autores que afirmam sobre um modelo artesanal do fazer ciência ou uma prática de artesanato entre teoria e empiria (BECKER, 1984; MILLS, 1972) – em oposição à redução da metodologia ao enquadre meramente técnico.

Há uma preocupação nas pesquisas que utilizam o GD em buscar vestígios do discurso social do grupo e sinalizam para a necessidade do rigor do método, “rigor e astúcia no momento de sua implementação prática, observando possíveis tensionamentos e reformulações na execução” (MEINERZ, 2011, p.494). Este rigor traz a responsabilidade da relação do pesquisador-mediador com os participantes enquanto “sujeitos em processo”, com inserção do pesquisador no universo dos sujeitos, tentando no estudo diminuir riscos de interpretações equivocadas, a partir de uma escuta atenta (ORTI, 2001; WELLER, 2006; MEINERZ, 2011) que permite o surgimento de dados e fatos inesperados (IBÁÑEZ, 1989). Observando a abordagem do GD em outros trabalhos, poucos problematizam o método, encarando-o para além de uma simples ferramenta de coleta.

### **A abordagem do método em outros trabalhos**

Existem vários trabalhos sobre coleta de dados em grupo, disseminados por várias áreas do conhecimento (GODOI, 2015), principalmente nas áreas de Educação

<sup>4</sup> Na perspectiva espanhola dos pesquisadores Jesús Ibáñez, Ángels de Lucas e Alfonso Ortí, o método do Grupo de Discussão se desenvolveu em meio aos conflitos sociais dos anos 50 na Espanha, quando a sociologia espanhola procurava se distinguir dos modos tradicionais de pesquisa. O pesquisador Jesús Ibáñez apontou os problemas das enquetes de opinião pública, que não aprofundavam as explicações sociais da época. Aos poucos, o GD se consolidou nas pesquisas de mercado que buscavam uma alternativa ao empirismo abstrato das enquetes estatísticas tradicionais dos estudos de opinião pública (MEINERZ, 2011).

e Saúde, com temas distintos, tais como Instituições, Informática e Saúde (DAL PAI; LAUTERT, 2007; BIGRAS; MACHADO, 2014) e Ciência da Informação e Educação (OLETO, 2006; TARTUCE, 2010; MOLINA; MOLINA NETO, 2012; FERNANDES; KAWASAKI, 2013).

Alguns trabalhos não diferenciam o GD do Grupo Focal ou do GD por computador; encaram o GD como simples ferramenta de coleta, sem problematizá-lo; trabalham com entrevistas individuais de um grupo; e focalizam suas preocupações na problemática da área e nos aspectos teóricos específicos, como por exemplo, o universo escolar constituído a partir da voz dos alunos (SANTOS, 2009) ou as necessidades e os direitos juvenis (LYRA, 2002). Só a partir de 2010 observamos alguns trabalhos interessantes que mostram uma clara disposição em apontar o GD como uma opção metodológica para se entender fenômenos do campo das relações sociais (TARTUCE, 2010; MEINERZ, 2011; MOLINA; MOLINA NETO, 2012; FERNANDES; KAWASAKI, 2013; BIGRAS; MACHADO, 2014). Trabalhos no campo da Comunicação utilizam grupos focais para o entendimento destas relações (MARQUES, 2009).

## **O método das pesquisas**

Durante nossa tese tivemos a primeira experiência com o método GD, quando em seis meses aplicamos cinco sessões com treze alunos. Na segunda experiência (realizada em 2015) trabalhamos com três sessões, junto a seis alunos, ao longo de três meses. Com a primeira experiência aprendemos sobre a necessidade de trabalharmos com um número reduzido de participantes e de sessões, para observar melhor o processo de aplicação do método. Também utilizamos a experiência de 2015 para confirmar dados observados durante nossa tese.

Em ambas pesquisas os jovens sempre indicaram suas preferências pelo veículo, canal e conteúdo, indicando usos e práticas das mídias. Os conteúdos que se espalham pela televisão e pelas redes sociais foram os mais indicados, sendo os gêneros preferenciais as telenovelas e os telejornais populares. Organizamos os assuntos mais recorrentes durante as sessões em duas categorias, os temas sociais e as figuras públicas.

Os estudos sempre precederam visitas prévias ao local (em duas escolas rurais da região) onde se aplicaram pequenos questionários que nortearam algumas perguntas provisórias da primeira sessão. As visitas prévias também

foram importantes para estabelecermos a parceria com a escola e identificarmos os alunos interessados no debate.

Na segunda pesquisa utilizamos algumas abordagens diferentes: a do “observador que observa” com o bolsista de iniciação científica, que atuou observando a relação do mediador com os participantes do Grupo de Discussão; e a técnica da “inserção da mídia”, onde cada aluno, na sala de informática, acessou livremente sua rede social (*Facebook*) e conversou sobre suas escolhas de cliques e conteúdos. Cada sessão durava em média sessenta minutos. Um roteiro aberto foi utilizado para iniciar a primeira sessão e os achados orientaram a construção do roteiro aberto da sessão seguinte. Cada sessão refinava e confirmava as falas dos jovens sobre os estímulos provocados pelos temas sociais e figuras públicas das mídias.

Sobre o tratamento dos dados, Weller (2006) recomendou um modelo para as transcrições das falas gravadas que dispensa a transcrição total. Contudo, optamos pela transcrição completa de cada sessão, para identificar “quem falou o quê” em cada sessão – aspecto que ajudou na organização e análises.

Obedecendo a um movimento lento e sistemático, a sequência das sessões transcorreu sempre seguindo o mesmo modo: (a) Visitas prévias aos locais; aplicação e análise dos questionários; (b) Planejamentos à execução das primeiras sessões com base nos resultados dos questionários, elaboração de roteiro aberto; (c) Execução das primeiras sessões: confirmações e levantamentos dos elementos mais recorrentes e significativos; (d) Transcrições do áudio, leitura do material transcrito, identificação de categorias, análise das anotações e organização do roteiro aberto para o plano de trabalho às segundas sessões. O procedimento se repetia, sempre visando os objetivos do estudo, as hipóteses, o refinamento das discussões e a confirmação das categorias mais recorrentes.

Nos limites deste artigo iremos apresentar apenas alguns trechos das falas dos jovens referentes a nossa primeira experiência com o GD. Na tese, organizamos ao longo das sessões um *ranking* de quarenta figuras proeminentes mais citadas pelos jovens. Iremos apresentar dois extremos deste *ranking* – a figura mais admirada e a menos admirada – que acreditamos representar de modo significativo aquilo que foi mais recorrente durante as sessões do grupo: o tema da violência, seus personagens principais, e as pessoas proeminentes na sociedade.

## Fragmentos das conversas com os jovens

Os fragmentos apresentados se referem às seguintes notícias: 1) caso de crime associado a uma pessoa famosa do cenário do futebol brasileiro e que representa os outros pequenos casos citados pelos jovens (envolvendo pessoas anônimas) ao longo do debate; 2) caso de autoridade proeminente na sociedade mundial e que representa outras figuras públicas citadas pelos jovens.

O primeiro diz respeito ao caso do ex-goleiro de futebol Bruno Fernandes de Souza: o jogador que era uma celebridade do cenário do futebol brasileiro e se envolveu no desaparecimento de sua ex-namorada Eliza Samúdio.

[Menina1] – *Foi reduzida (a pena do Bruno) pra 3 anos. Vai cumprir mais três fechado e pra ele cumprir o regime semiaberto tinha que arrumar um time de futebol pra ele jogar e já arrumaram um time pra ele jogar...;*

[Menina2] – *Acho que é uma segunda chance que ele não merecia. Acho que ele tinha que pagar o que ele fez;*

[Menina3] – *Era (o valor da pensão) uma coisa mínima que ele tinha que pagar para ela (Elisa Samúdio), agora perdeu tudo por essa coisa mínima que ele achava que era demais, né? Perdeu tudo por causa disso. Era muito mais fácil pagar o que ela pedia;*

[Menino1] – *que de uma hora pra outra se envolveu na morte daquela ex-mulher dele”; [Menino2] – não precisava fazer o aquele fez, foi uma coisa sem necessidade. Isso significa que as más companhias pode ter influência na sua vida também;*

[Menino1] – *O que ele (Bruno) deveria fazer? Acho que passar uma boa imagem pra todo mundo...;*

[Menino2] – *Fazer as coisas na lei, né. Num passar por sobre as lei...*

O segundo fragmento de conversação diz respeito ao caso do cardeal da Igreja Católica Jorge Mario Bergoglio, anunciado como Papa, e a visibilidade de alguns de seus gestos nas mídias.

[Menina1] – *Ab ele é humilde porque ele entrou no elevador, chamou os colega dele pra entrar, o segurança num queria deixar...;*

[Menino1] – *Olha só como você vê como um padre pode ser humilde ó. Ele foi na prisão lavou o pé de cinco presos e beijou o pé deles. Um papa fazer um negócio desse. Isso já fala tudo;*

[Menina2] – *Ele (o Papa) andou no meio da praça lá, em Roma, ele atende as pessoas, não andou de limusine que o papa andava...;*

[Menino2] – *Humilde, como nós, assim, vamo dizer assim...;*

[Menina2] – *Gosta muito dos pobres, né?;*

[Menina1] – *Gosta dos jovens também, porque ele vem pro encontro no Rio, o Dia Mundial da Juventude...;*

[Menina3] – *Acho que (ele) interessa a todo mundo...;*

[Menina1] – *O que chamou a atenção foi no dia em que, nem o roupa do papa ele quis vestir, ele num andou na limusine do papa, nossa... muito bom. Os amigo dele, levou junto, tentaram barrar os amigo dele e ele disse que não, todos iam entrar..;*

[Menina2] – *O quarto lá (do papa) que cabia umas 5 pessoas, ele quis um quarto que só cabia um ...;*

[Menina1] – *Porque é bom a gente saber que tem alguém assim humilde. O outro (o papa Bento 16) eu nem... eu pessoalmente nem queria saber. Mas agora esse já deu o que falar. Ele parece igual a gente mesmo, né? Bom a gente saber que tem uma pessoa lá em cima que trata o outro assim com a mesma igualdade, como pessoa igual nós. É bom, pelo menos tá de igualdade com as pessoas. Tem gente que tá no poder que nem olha, né?;*

[Menino3] – *Acho que os prefeitos e presidentes tinham que ser assim;*

[Menino2] – *Também acho porque o papa mostrou uma tranquilidade imensa e, na cabeça dele, ele tem tudo aquilo que ele deve fazer e assim deve ser os político, ter noção e responsabilidade do que vai fazer;*

[Menina1] – *Ab, eu também acho, porque a pessoa pode tá lá em cima, mas tem que ser assim.*

Nos dois casos temos um aspecto que foi recorrente em todas as conversas sobre pessoas proeminentes na sociedade com alta visibilidade midiática: a questão sobre o “passar uma boa imagem” se refere à influência que essas figuras exercem sobre as expectativas deste jovem para com a vida. Enquanto o caso do goleiro Bruno (figura menos admirada) ilustra o instante em que ele se transforma de um ídolo nacional para um vilão do mundo do crime, o caso do Papa Francisco (figura mais admirada) mostra uma autoridade que, do alto de seu lugar de poder, “se curva” aos mais pobres, às pessoas simples.

Essas duas notícias revelam surpresas por conta das alterações inesperadas que aconteceram na imagem pública dessas figuras: da imagem do ídolo para a de um vilão; da imagem de um Papa na tradição dos rituais magnificentes da Igreja para a de um Papa mais humanizado, próximo das pessoas comuns. Há, então, uma expectativa alterada que produz essas afirmativas e sentidos entre os jovens: o desempenho esperado dos ídolos na sociedade, que sinalizam para assuntos relacionados ao fazer justiça e à proximidade com os mais pobres e humildes.

Em especial sobre a figura do Papa Francisco observamos várias notícias sobre “quebras de protocolo do Papa”, que mostravam essa imagem mais humanizada do pontífice. Acostumada com a cobertura das cerimônias institucionais e seus

protocolos oficiais da Igreja, os gestos do Papa surpreenderam: ele beijou no rosto a presidenta da Argentina, abençoou um cão guia, desceu do carro aberto para beijar um bebê e um deficiente, pagou a própria conta do hotel em Roma, não quis ficar nos aposentos papais, andou de ônibus junto com os cardeais, preferiu dispensar o trono e o crucifixo de ouro no pescoço, não usou sapatos vermelhos com bordados em ouro na Missa Inaugural do pontificado, lavou e beijou os pés de presidiários, abraçou fiéis na rua antes da Hora do Angelus, deitou no chão para rezar durante um ritual e celebrou missa em centro penal de menores infratores. O pontífice sem pompa, “gente como a gente”, aproximou a figura proeminente na sociedade mundial dos públicos e fiéis.

### **Considerações finais**

O Grupo de Discussão presencial se apresentou como importante aliado de pesquisas que buscam identificar os modos de estímulo dos conteúdos de alta circulação nas mídias à constituição de conversações que colaboram para o delineamento do espaço pré-político de um grupo social. No decorrer das falas, os sujeitos constituíram a “voz do grupo” na medida em que convocaram afirmativas e sentidos que disseram tanto sobre percepções de si e do grupo quanto do mundo rural.

Em ambas pesquisas foi possível identificar durante as sessões a recorrência do tema da violência contra os jovens e praticada pelos jovens. Os casos debatidos foram diferentes entre um estudo e outro, mas sempre envolviam o tema da violência e seus protagonistas (anônimos ou figuras famosas). Na tese foi possível construir um *ranking* com diferentes figuras admiradas e com alta circulação nas mídias (“o popular midiático”). Em 2015, algumas dessas mesmas figuras reapareceram nas falas dos jovens, junto com outras novas, formando uma pequena lista e confirmando o que já havíamos identificado na tese: a existência de um conjunto de figuras formando um “tipo de figura” com características em comum.

O tema recorrente da violência e seus protagonistas e o conjunto com “tipos de figuras” admiradas estimularam o debate e o surgimento de afirmativas e sentidos que se associaram tanto com a condição rural em que vivem os jovens quanto com elementos não-rurais do “popular midiático” compartilhado por diversos públicos.

A identificação com os gestos do Papa Francisco sinalizou para um rural marcado pelas tradições religiosas da comunidade, enquanto o tema da violência estimulou no jovem pensar a cidade como sendo o lugar desta violência: um lugar onde parcela significativa dos jovens no rural deseja migrar quando terminar os estudos. Ou seja, podemos dizer que a temática da violência seria uma preocupação deste grupo juvenil estudado, interessado mais na migração para o urbano do que pelas “temáticas rurais” (aquelas temáticas associadas ao agrícola e ao agropecuário).

As figuras religiosas, alguns apresentadores dos telejornais populares, alguns cantores sertanejos e determinados personagens de telenovelas possuíam características comuns: jeito de ser popular (divertido, carismático), dedicado e próximo das pessoas simples e humildes (em termos de classe social) e que inspiram uma preocupação com os menos favorecidos. Os apresentadores são os mesmos que anunciam todos os dias as notícias de violência; os cantores sertanejos estão no rádio, na televisão e nas redes sociais, enquanto que outros estão em um dos gêneros televisivos mais assistidos, as telenovelas.

A violência e seus protagonistas nas mídias bem como esses “tipos de figura” pertencem ao universo do “popular midiático”, ambiente de alta popularidade e circulação, reforçando o reconhecimento desses conteúdos midiáticos entre o público juvenil, conforme os traços de cada cultura. No caso dos jovens de contextos pobres do rural mineiro, a violência e um tipo de figura proeminente mais inclinada aos sujeitos das classes pobres (visto pelos jovens como simples, humildes, dedicados) seriam signos que constituiriam os agenciamentos identitários desta juventude na atualidade.

Opiniões, afirmativas e sentidos desenvolvidos a partir das conversações delineiam parte deste universo de reivindicações desses jovens. O que eles esperam e quais suas preocupações? Há uma expectativa em torno da imagem pública das autoridades e/ou pessoas de proeminência na sociedade. Diz respeito ao desempenho ou *performance* desses sujeitos, mais próxima das características de um tipo comum mais admirado pelos jovens. E há também uma preocupação com uma violência que atinge mais a juventude urbana da periferia das cidades do que a juventude rural: um jovem no rural consciente que pode se transformar em um jovem da periferia urbana, na busca de continuar os estudos e trabalhar na cidade para ajudar a família no rural.

Habitar o rural mineiro hoje seria conviver com essas emoções, afirmativas e sentimentos e que compõem o pré-político desta juventude. Entre os jovens pesquisados, a maioria confirmou o desejo pela migração à cidade grande mais próxima após o ensino médio. Neste sentido, este aspecto cultural se envolve nas práticas de acesso e comentários dos conteúdos midiáticos; entrelaça-se no desejo em habitar o mundo urbano estando conectado ao mundo rural. E isto também tornam difusas as raízes dos jovens com o rural tradicional. Assim, em meio a esta complexidade, configuram-se os sentidos implícitos na conversação, no espaço pré-político do grupo juvenil.

## Referências

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SILVA, Alessandro Soares da; CORRÊA, Felipe. **Psicologia Política: Debates e Embates de um campo Interdisciplinar**. São Paulo: Edições Each, 2012.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1984.

BIGRAS, Marc; MACHADO, Andréa da Luz. Apontamentos e reflexões sobre programas de apoio familiar que favorecem a competência social da criança. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.19, n. 3, p. 663-672, 2014. doi: 10.1590/1413-81232014193.18402013.

CANCLINI, Néstor García. Ni folklórico ni masivo; ¿qué es lo popular?. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima/Peru (Felafacs), n. 17, p. 6-11, 1987

CHAMBERS, Simone. Behind closed doors: publicity, secrecy and quality of deliberation. **The Journal of Political Philosophy**, Camberra/Austrália, v.12, n.4, p. 389-410, 2004.

DAL PAI, Diane; LAUTERT, Liana. Grupos de discussão virtual: uma proposta para o ensino em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.41, n. 3, p. 518-525, 2007. doi: 10.1590/S0080-62342007000300025.

DUARTE, Ricardo. Populações Rurais e Estudos sobre a Comunicação na Recepção Midiática. **Revista Extensão Rural**, DEA-ER-UFSM, Santa Maria, v.21, n.3, p.14-72, 2014.

FERNANDES, José Artur Barroso; KAWASAKI, Clarice Sumi. A pesquisa em educação ambiental e questões metodológicas: relato do grupo de discussão de pesquisa. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.7, n. 2, p. 91-103, 2013. doi: 10.18675/2177-580X.

FERREIRA, Bernardo. **O risco do Político**: crítica ao liberalismo e teoria política no pensamento de Carl Schmitt. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOODIN, Robert E. Sequencing Deliberative Moments. *Acta Politica*, v. 40, n.2, p.182-196, 2005.

GODOI, Christiane Kleinübing. Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. *Revista de Administração de Empresas*, v.55, n. 6, p. 632-644, 2015. doi: 10.1590/S0034-759020150603.

GUIMARÃES, César. As bordas entre a Comunicação e a Experiência Estética. In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo.; CARDOSO FILHO, Jorge. (Orgs.). **Comunicação e Sensibilidade**: pistas metodológicas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016, p.11-20.

HENDRIKS, Carolyn M. Integrated deliberation: reconciling civil society's dual role in deliberative democracy. *Political Studies*, v.54, n.3, p.486-508, 2006.

IBÁÑEZ, Jesús. Perspectivas de la Investigación Social: el diseño en las tres perspectivas. In: IBÁÑEZ, Jesús. **El Análisis de la Realidad Social: métodos y técnicas de investigación**. Madrid: Alianza Editorial, 1989. p. 57-98.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. (Orgs.). **Cultura Pop**. Salvador: Edufba, 2015, p.45-72.

JENKINS, Henry; FORD, Sam.; GREEN, Joshua. **Spreadable media**: creating value and meaning in a networked culture. New York: University Press, 2013.

LYRA, Jorge; et al. A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. *Cadernos Cedes*, v.22, n. 57, p. 9-21, 2002. doi: 10.1590/S0101-32622002000200002.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. (Coord.). **Mídia e Deliberação**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

MANSBRIDGE, Jane. Everyday talk in deliberative system. In: MACEDO, Stephen. (Ed.). **Deliberative politics: essays on democracy and disagreement**. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.211-243.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. *Revista Educação & Realidade*, v. 36, n. 2, 2011, p. 485-504.

MILLS, C. Wright. Do Artesanato Intelectual. In: MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1972.

MOLINA, Rosane Kreuzburg; NETO, Vicente Molina. Pesquisar a escola com narrativas docentes e grupo de discussão. **Revista Educação**, v.35, n. 3, 2012, p. 402-413.

NEBLO, Michael. Thinking through democracy: Between the theory and practice of deliberative politics. **Acta politica**, v. 40, n. 2, p. 169-181, 2005.

OLETO, Ronaldo Ronan et al. Percepção da qualidade da informação. **Ciência da informação**, v. 35, n. 1, p. 57-62, 2006.

ORTÍ, Alfonso. En el margen del centro: la formación de la perspectiva sociológica crítica de la generación de 1956. **Revista Española de Sociología**, v. 1, p. 119-163, 2001.

PAPERMAN, Patricia. Les émotions et l'espace public. **Quaderni**, v. 18, n. 1, p. 93-107, 1992.

SANTOS, Maria Cecília Pereira dos. O estudo do universo escolar através da voz dos jovens: o grupo de discussão. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 22, n. 1, p. 89-103, 2009.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes da. **Juventude em trânsito: atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio rural**. Tese (Doutorado em Comunicação e Sociabilidade). Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

103

TARTUCE, Gisela Lobo BP; NUNES, Marina MR; DE ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 445-477, 2013.

TOMMASI, Livia de. Nem bandidos nem trabalhadores baratos: Trajetórias de jovens da periferia de Natal. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 5, n. 1, p. 101-129, 2017.

WELLER, Wívian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Revista Educação e Pesquisa**, n. 2, p. 241-260, maio/agosto, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Campo e Cidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.